ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Crenças de Professor e Crenças de Aluno: Entre Harmonias e Conflitos no Ensino/Aprendizagem de Língua Inglesa no Ensino Médio de uma Escola Pública

José Pereira da Silva

BIB
UNEMAT
Campus Universitário d
RG N.º 10238
Data 08/05/04

PONTES E LACERDA-MT

2003

Turma 2003/1

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Crenças de Professor e Crenças de Alunos: Entre Harmonias e Conflitos no Ensino/Aprendizagem de Língua Inglesa no Ensino Médio de uma Escola Pública

Ensaio Monográfico apresentado a UNEMAT/Campus de Pontes e LACERDA, como requisito final do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Professora Maria Madalena de Souza Tarcetti

PONTES E LACERDA-MT

2003.

Dedico esse Ensaio Monográfico a meus familiares, que sempre me mostraram que as verdadeiras riquezas estão nos pequenos acontecimentos do dia-a-dia.

A minha esposa e meus filhos que sempre me apoiaram em todas as dificuldades e me deram força e coragem para seguir em frente.

Agradeço primeiramente a meus familiares pela força nos momentos mais difíceis em toda a minha vida. A professora Madalena pela orientação e compreensão as minhas limitações, a professora Cleunice Maria de Andrade, que antes de tudo foi uma grande profissional em sua luta diária para fazer com nos galgássemos cada degrau do conhecimento e em especial a minha esposa e meus filhos pela compreensão e incentivo. Obrigado.

"As crenças cobrem todas as áreas para as quais ainda não temos um conhecimento certo, mas ao mesmo tempo nos dá confiança suficiente para agirmos; cobrem ainda áreas que aceitamos como verdadeiras, como conhecimento, e que, no entanto, podem ser questionadas no futuro".

Dewey

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 08

CAPÍTULO 1-Quadro Teórico 10

1.1.- Fala dos Educadores 13

1.1.1- Verificando Crenças dos Professores 15

1.1.2- Suas experiências no processo de aprendizagem 15

1.1.3- Experiências que funcionam melhor 15

1.1.4- Personalidade dos Professores da Área de Língua Inglesa 16

1.1.5- Princípios de Origem de Abordagem ou Método no Ensino/Aprendizagem 16

1.2- Pesquisando as crenças dos alunos para melhor entender o ensino/aprendizagem 17

1.2.1- Crenças sobre a natureza da língua 17

1.2.2- Crenças sobre os falantes nativos 17

1.2.3- Crenças sobre as quatro habilidades 17

1.2.4- Crenças sobre o ensino da língua 17

1.2.5- Crenças sobre o aprendizado da língua 18

1.2.6- Crenças a respeito de si mesmo 18

1.2.7- Crenças sobre os objetivos 19

CAPÍTULO 2- METODOLOGIA DE PESQUISA 20

2.1- Lugar e Sujeitos da Pesquisa 20

2.1.1- Professores e Alunos 20

2.1.2- Instrumentos de Coleta de Dados 21

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS 23

3.1- Crenças de professores e alunos ao abordar o ensino/aprendizagem de língua inglesa 23

3.1.1- Respostas às perguntas levantadas 25

3.1.2- Quais as crenças dos professores em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa em seu ambiente formal (sala de aula)? 25

3.1.3- De que maneira essas crenças acabam influenciando o professor na aplicação de suas aulas? 25

3.1.4- Quais as crenças dos alunos em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa? 26

3.1.5- Existe alguma lacuna entre o que os professores e os alunos pensam? 26

CONSIDERAÇÕES FINAIS 28

ANEXOS 31

QUESTIONARIO I

QUESTIONARIO

BIBLIOGRAFIA 36

INTRODUÇÃO

O estudo das crenças sobre o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira tem preocupado estudiosos da área. Também notamos o interesse na investigação dos mecanismos que impulsionam professores a conduzir a aprendizagem da maneira que acreditam ser a melhor para os alunos.

Não obstante há também as crenças que norteiam e influenciam os alunos no seu processo de aprendizagem de uma segunda língua, tais como auto-estima, motivação e objetivos próprios entre outros, aspectos estes importantíssimos para designar qual o melhor método a ser aplicado em sala de aula.

Diante desse contexto, o surgimento de novas investigações pode oferecer importantes subsídios para a compreensão do processo de ensinar/aprender inglês como língua estrangeira e, conseqüentemente, transformar professores e alunos em agentes mais qualificados deste processo. Tarcetti (2002) em sua monografia de especialização em língua inglesa afirma que:

> O ensino/aprendizagem de língua estrangeira, neste caso o inglês também tem sido questionado em quase todos os seguimentos da escola. Fala-se do desinteresse e dificuldade de o aluno aprender este idioma. Tenta-se buscar qual o melhor método para ensinar e aprende-lo. Os professores são os que mais sofrem aos ouvir de alunos aquelas já tão repetidas frases. Para que aprender inglês se eu nunca vou sair do Brasil? Eu nunca vou precisar de inglês. Eu já estudo inglês há um tempo e não sei nada, não consigo aprender. (Pág. 8:2002)

O presente ensaio monográfico pretende, portanto verificar quais as crenças que estão mais presentes no processo de

ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso o inglês, em uma escola pública.

A definição do tema surgiu em situações observadas e até vivenciadas no Curso de Letras de Pontes e Lacerda em que, os discentes ao ingressarem no ensino Superior trazem uma certa aversão ao ensino da Língua Inglesa, aversão esta que nos parece vir do ensino médio. Assim questionamos: Quais seriam as melhores formas para ensinar/aprender uma língua estrangeira no ensino médio?

Investigaremos dois (02) professores e os seus alunos de uma Escola Estadual (Pública) analisando se as concepções/crenças estão voltadas para uma aprendizagem com bom resultado ou insucesso.

As perguntas que nortearão nosso trabalho serão as seguintes:

1. Quais as crenças dos professores em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa em seu ambiente formal (sala de aula)?

2. De que maneira essas crenças acabam influenciando o professor na aplicação de suas aulas?

3. Quais crenças dos alunos em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa?

4. Existe alguma lacuna entre o que os professores e os alunos pensam?

No próximo capítulo discorremos sobre os sistemas de crenças na formação do professor que oferecerá sustentação ao nosso estudo.

CAPÍTULO 1

QUADRO TEÓRICO

Vários estudos sobre o ensino de língua estrangeira e, em nosso caso especificamente abordado a língua inglesa, tem mostrado que nas últimas décadas tem se buscado qual é a melhor maneira de se despertar o interesse nos alunos e dessa forma tentar desmistificar as crenças que os mesmos e até os professores trazem consigo.

Acreditamos também que o debate entre as partes envolvidas neste processo de ensino/aprendizagem deve ocorrer dentro dos princípios pedagógicos compartilhados e não apenas baseado em experiências e crenças de professores e alunos. Dewey oferece uma concepção para crenças. Segundo o autor:

> As crenças cobrem todas as áreas as quais ainda não temos um conhecimento certo, mas ao mesmo tempo nos dá confiança suficiente para agirmos; cobrem ainda áreas que aceitamos como verdadeiras, como conhecimento, e que, no entanto, podem ser questionadas no futuro. As crenças envolvem comprometimento intelectual e prático que mais cedo ou mais tarde irá requerer uma investigação para descobrir as bases sobre as quais se apóiam.
>
> *(Dewey, pág. 37:1933).*

As crenças se baseiam em componentes afetivos oriundos da experiência pessoal, cultura popular etc. as afirmações que compõem as crenças são reconhecidas como questionáveis.

Félix (1998:47) em sua tese de mestrado cita Tabachnick e Zeicher (1984:39) e Clark (1988:5) que definem as crenças como:

> ... Uma interpretação reflexiva e socialmente definida das experiências que servem de base para ações subseqüentes e, também com pré-concepções e teorias implícitas, pois, isso é um agregado eclético de preposições do tipo causa efeito de

> muitas fontes, regras e generalizações retiradas de experiência pessoal, valores e preconceitos.

Félix (1998:21) a partir de Nespor propõe: "um modelo de sistema de crenças – O Estudo das Crenças do Professor (ECP) que serve de estrutura para investigações sistemáticas e comparativas". Para esses autores as crenças apresentam a seguinte estrutura "(a) aspecto afetivo existencial, (b) alternatividade, (c) aspectos afetivos e avaliatórios e (d) armazenamento episódio".

> (a) Pressuposição existencial – as crenças geralmente contém preposições pressupostos sobre existência ou não de entidades (rotuladas de entidades incorporadas pelos alunos tais como habilidades, maturidade ou preguiça).
> (b) Alternatividade – as crenças geralmente incluem representações de mundos alternativos ou realidades alternativas: conceitualizações de situações que se diferenciam de maneira significativa da realidade presente. Segundo assim, as crenças servem como meio para definir objetos e tarefas.
> (c) Aspectos afetivos e avaliatórios – a afeição e a avaliação podem ser reguladores importantes da quantidade de energia que professores despendem para as atividades e como eles gastam energia com essas atividades.
> (d) Armazenamento episódio – os sistemas de crenças são compostos principalmente de materiais armazenados "episodicamente" – derivados de experiências pessoais ou fontes de transmissão de conhecimento culturais ou institucionais (por ex: folclore).

Almeida Filho (1993:56) diz que "todo professor é orientado pelas suas crenças, que o professor age conforme o que ele acredita ser a melhor maneira de ensinar ou aprender uma língua".

O autor afirma ainda, que o professor ao adentrar em uma sala de aula, age direcionado por dada abordagem, que é embasada pelas competências que traz consigo. Por isso, seria desejável que os professores tivessem conhecimento e desenvolvessem essa competência, o que significa estar em constante processo de formação, para que se transformem em profissionais mais críticos e conscientes.

Podemos dizer que o ensino de língua estrangeira no Brasil, neste caso a língua inglesa, sofreu grandes mudanças. Almeida Filho (1993:35), afirma que:

> As décadas de 60 e 70 testemunharam um intenso movimento de ensino de línguas no Brasil. A ênfase nesse período foi justamente na busca do melhor método, das melhores técnicas e dos mais eficientes recursos para ensinar idiomas em ambientes formais (a sala de aula, o laboratório de línguas) a grupos de alunos. A década de 80 verbalizou contrária e continuamente a importância do aprendiz ou adquiridor em contraposição à do professor e dos seus métodos bem recomendados. Nos anos 90 cresce o interesse por descrever a interpretar como ensina e aprende nas salas de aula.

Nota-se maior destaque na criação de sentidos do que nos métodos. O professor terá que levar mais em conta os procedimentos que possibilitem aos alunos a utilizar suas idéias fazendo com que os mesmos construam significados e dessa maneira interajam com a língua alvo, sistematizando conscientemente os aspectos da mesma. Félix a partir de Filgueiras dos Reis afirma que "o professor de língua inglesa tem que ser um profissional interdisciplinar que se dedique tanto ao conteúdo especifico quanto ao pedagógico". Com isso os alunos poderiam se tornar mais receptivos às novas informações sobre ensino de línguas, onde os mesmos seriam encorajados a reconhecer e entender suas próprias crenças.

Segundo Félix (1998:27) a partir de Horwitz:

> O papel do professor é o de confrontar as crenças errôneas dos alunos com novas informações, pois, em muitos casos, muitos alunos frustrados jamais consideraram, durante o processo de sua aprendizagem, a possibilidade de que a aprendizagem de língua exigisse mais do que simples aplicações de regras gramaticais.

Assim, para tornar os alunos conscientes de suas noções pré-concebibas sobre a aprendizagem de línguas e suas possíveis conseqüências, os professores deveriam incluir uma discussão sobre a natureza da aprendizagem

de línguas como prática regular de seu ensino. Além de observar como as crenças podem variar de acordo com a idade, dentre outras variáveis, os professores poderiam usar essa discussão para determinar as crenças que seus alunos mantêm e trabalhar de modo a corrigi-las ou reforçá-las, conforme o caso.

Essas transformações nos conceitos do ensino podem afetar a receptividade e a reciprocidade dos alunos quanto às novas crenças ou modelos de ensino trazidos pelos professores que iram nortear os seus trabalhos. Segundo Tarcetti a partir de Kumaravadivelu (1991:32) afirma que "quanto mais informados estivermos sobre as crenças de nossos alunos, tanto maiores serão as chances de sucesso de qualquer intervenção que se queira fazer".

Lansley afirma que o aluno pode apresentar "desinteresse ou até mesmo resistência a língua inglesa, independente de sua motivação". Essa resistência que o aluno tem em relação à língua inglesa pode ser relacionada com as crenças que traz consigo para a aprendizagem. Percebe-se que dessa maneira o professor deverá levar em conta as crenças dos alunos, senão poderá encontrar muitas resistências para desenvolver o seu trabalho.

1.1 Fala dos Educadores

Os principais trabalhos realizados nessa área por professores e pesquisadores nos últimos anos demonstram que há alguma coisa mais envolvida, além das técnicas e de todo tipo de materiais utilizados em sala de aula, que podem influenciar o resultado final do método de ensino aprendizagem da língua alvo.

Almeida Filho (1993:36) afirma que:

> Para produzir impacto ou mudanças profundas e inovações não são suficientes alterações apenas no material didático, mobiliário, nas verbalizações do desejável pelas instituições, nas técnicas renovadas e nos atraentes recursos visuais. São

> cruciais novas compreensões vivenciadas da abordagem de aprender dos alunos e da abordagem de ensino dos professores.

Freitas (2002:47) em seu artigo para o instituto de lingüística aplicada da Unicamp, afirma que "antes da escolha do método a ser aplicado em língua estrangeira tem que haver uma conscientização do professor de língua estrangeira sobre o que faz, como faz e porque faz assim". Nesse mesmo sentido Tarcetti (2002:12) em sua monografia de especialização afirma que;

> Tem-se denominado investigatória ou reflexiva a perspectiva ou orientação filosófica atual que encara o professor de língua estrangeira como alguém capaz de construir conhecimento a partir do seu senso de plausibilidade, ou seja, da reflexão sobre as relações que podem existir entre prática/experiência de sala de aula e aprendizagem (ou não aprendizagem) do aluno.

Almeida Filho (1999:35) afirma que o professor ao definir uma abordagem, ele se baseia em suas crenças. Essas crenças e valores servem como ponto de partida para muitas decisões tomadas em sala de aula pelos mesmos.

Sulivan S. Pouza (2002:20) em sua tese de mestrado também concorda com esse pensamento e afirma que "as crenças dos professores dentro de sala de aula é influenciado pelas suas crenças e objetivos que traz de sua prática como aprendiz, ou seja, suas ações e comportamento são reflexos do que ele sabe e acredita". Partindo desse pressuposto podemos crer que os alunos também possuem crenças que norteiam seus objetivos, auto-estima, motivação e comportamento em sala de aula, que exercem grandes influências sobre o processo de aprendizagem de uma segunda língua, as quais na maioria das vezes não são consideradas pelo professor.

Tarcetti (2002:13) em sua monografia de especialização no ensino de língua inglesa afirma que:

> As crenças têm um poderoso efeito sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas, isto é, o aprendiz pode não ter acesso a materiais e equipamento técnicos modernos, estar em uma sala um tanto pequena e numerosa, mas se ele acreditar que pode aprender, ele atingirá o seu objetivo, tendo condições de adquirir a língua alvo. Sendo assim o professor de línguas deve trabalhar as crenças e as motivações de seus alunos, uma vez que crenças negativas podem atrapalhar, mesmo de forma inconsciente, o processo de aprendizagem destes. Por outro lado crenças positivas podem servir de influência, motivação a auto-estima para os alunos aprenderem uma nova língua.

Sulivan S. Pouza (2002:28) em sua tese de Mestrado afirma que "é através das crenças positivas, que os alunos que ainda não desenvolveram seu comportamento e suas estratégias mentais para ajudar na busca pelo aprendizado, provavelmente desenvolverão o que necessitam para atingir o sucesso". Richards & Lockhart(1994:6) afirmam que:

> As crenças dos professores quanto à dos alunos são influenciadas pelo contexto social de aprendizado durante o processo de sua formação e que ao abordar a língua inglesa, isso podem influenciar as atitudes deles quanto a língua em si mesma e quanto ao aprendizado em geral, pois esse processo exige mais do que aplicação de regras gramaticais.

1.1.1 - Verificando crenças dos Professores

Ao abordar uma pesquisa sobre crenças de professores isso propõe que elas podem ter origem de várias formas como:

1.1.2 – Suas experiências no processo de aprendizagem;

São crenças de suas experiências como aprendizes, ou seja, são reflexos de como lhes foram ensinados que os professores irão transmitir esses conhecimentos adquiridos, pois todo professor já foi aluno e, com certeza formaram a suas visões de educação/crenças a partir dessas experiências.

1.1.3 – Experiências que funcionam melhor;

No período em que fomos alunos vivenciamos formas de ensino, que nos marcaram e, isso nos trouxe resultados positivos, com certeza também iremos levar essa forma de ensino para a sala de aula.

1.1.4 – Personalidade dos Professores da área de língua inglesa;

A personalidade dos professores desempenhou um papel muito importante no processo de ensino/aprendizagem, pois, as preferências por determinado método são influenciadas pelo estilo pessoal de cada um, isso quer dizer que por terem sido aprendizes, os professores terão conseqüentemente a tendência de ensinar a língua inglesa como foram ensinados ou como eles próprios aprenderam.

1.1.5 – Princípios de origem de abordagem ou método ensino/aprendizagem;

Félix (1998:15) em sua tese de mestrado a partir de Almeida Filho (1993) afirma que:

> De acordo com a competência do professor ele define por este ou aquele método. Essa competência pode ter caráter implícito ou explicito. A competência implícita e constituída de intuições, crenças e experiências pregressas. Competência explicita é constituída de teorias pesquisadas e reconstruídas a partir de informações e princípios estabelecidos.

É importante considerar que não basta o professor considerar as suas crenças a respeito da melhor maneira de ensinar a língua inglesa, mas também levar em conta as crenças dos alunos, pois, se não houver uma lacuna entre as crenças de professores e alunos, isso poderá gerar resistência a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente levar os mesmos a não mais se interessar pela língua inglesa. Percebe-se então a importância que o professor

conheça a origem das crenças dos alunos, para que possa ajudá-los a executar as atividades aplicadas.

1.2 – Pesquisando as crenças dos alunos para melhor entender o ensino/aprendizagem;

1.2.1 - Crenças sobre a natureza da língua;

Os alunos freqüentemente têm o habito de falar que a língua inglesa é mais difícil de aprender que outras línguas ou até mesmo que uma parte da língua, como a gramática é mais complicada do que as demais. Richards & Lockhart (1994:53) defendem a idéia de que esse tipo de crença represente mais do que "folclore" lingüístico e por ser uma realidade psicológica para o aprendiz pode influenciá-lo no aprendizado da língua.

1.2.2 – Crenças sobre os falantes nativos;

Os alunos de língua inglesa geralmente podem diminuir ou aumentar o desejo de inteirar-se com falantes nativos da língua alvo. Um motivo para que forme uma crença nesse sentido, é o fato de existir diferenças culturais nas formas de uso do discurso, ou seja, o que é educado falar para um americano, pode ser antipático e deselegante para um francês ou ao contrário.

1.2.3 – Crenças sobre as quatro habilidades;

Segundo Richards & Lockhart (1994:53), elas podem refletir em suposições especificas sobre: ouvir, falar, ler e escrever. Um exemplo disso é o fato do aluno acreditar que ler um livro ou revistas de língua estrangeira é um desperdício de tempo, isto quando o vocabulário é difícil para ele entender.

1.2.4 – Crença sobre o ensino da língua;

Estas são adquiridas ao longo de vários anos na escola, onde o aluno é exposto a diferentes professores e ao chegar ao segundo grau

possui conceitos definidos sobre o que funciona ou não no processo de ensino. Pode-se citar como exemplo o aluno que acredita que o professor deva enfatizar as regras gramaticais da língua inglesa.

Além de acreditar e ter conhecimento do que constitui um bom ensino, o aluno tem a imagem do bom professor, o qual possui regras a seguir e as seguintes características: ser paciente, ter criatividade, prover informações claras e precisas, ter habilidade para julgar e avaliar entre outros conceitos.

Quando professor e alunos compartilham de crenças semelhantes, os mesmos terão melhores condições de satisfazer grande parte dessas expectativas.

1.2.5 – Crenças sobre o aprendizado da língua;

Segundo Richards & Lockhart (1994:55), "os alunos trazem para a sala de aula suposições muito específicas a respeito dos tipos de estratégias e abordagens que eles acreditam ser afetivas para o aprendizado". Um exemplo nesse sentido é o fato do aprendiz acreditar que a melhor forma para aprender a língua inglesa é através de contato com falantes nativos da língua.

Ainda conforme os autores, há crenças em relação ao comportamento apropriado em sala de aula. Os alunos podem formar seus conceitos a partir do que julgam ser ideal e a interação de como devem se portar perante o professor durante a aula. Por ex: o aluno pode acreditar que não seja educado fazer perguntas ao professor na hora da aula.

1.2.6 – Crenças a respeito de si mesmo;

Em relação às próprias habilidades enquanto aprendiz de uma língua estrangeira há alunos, por exemplo, que crêem ter facilidade para

aprender a lembrar vocabulários. Existem também aqueles que julgam ser bons aprendizes, os que acreditam não conseguir adquirir a língua alvo naturalmente como os outros.

Segundo Richards & Lockhart (1994:56), afirma que a partir do "momento que o aluno observar suas limitações, ele vai estabelecer os objetivos a serem alcançados no aprendizado da língua inglesa, os quais vão estar embasados em suas crenças e motivações pessoais".

1.2.7 – Crenças sobre os objetivos;

Os aprendizes podem ter expectativas variadas no que tange o aprendizado de língua inglesa, por isso, a necessidade do professor conhecer os aprendizes e estas expectativas antes de iniciar o programa de ensino, sendo que após inicia-lo, buscar avaliá-las para que possa contemplar os interesses variados dos alunos em sala de aula.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 – Lugar e Sujeitos da Pesquisa;

2.1.1 – Professores e alunos;

Ao decidirmos realizar esta pesquisa optamos pela pesquisa etnográfica (Erickson, 1986) por considerá-la a que nos dava condições de enxergar a sala de aula como um ambiente de construção do conhecimento e poder descrever o que se passava nessa construção.

Para a delimitação do trabalho optamos por realizar a pesquisa na Escola Estadual Dep. Dormevil Farias, uma escola pública da cidade de Pontes e Lacerda/MT, localizada na região Sudoeste do Estado de Mato Grosso que hoje conta com duas universidades, sete escolas estaduais (públicas) e duas escolas particulares.

Depois das formalidades, explicamos o objetivo de nossa presença entre eles demos ênfase ao nosso compromisso com o ensino público, com os alunos e professores.

Com relação aos sujeitos colaboradores da pesquisa não seguimos a obrigatoriedade de um número extenso de informantes (cf. Cavalcante, 1990:43, Cavalcante e Moita Lopes, 1991), uma vez que não dá relevância de uma expressão quantitativa para garantir a validade replicável da pesquisa. Sendo assim contamos com a colaboração de duas professoras de língua inglesa que dividiam entre si as aulas oferecidas para as classes de 1ª e 3ª séries do ensino médio do período matutino e noturno. Para a realização de nossa pesquisa,

elaboramos alguns questionários, que foram direcionados aos alunos e professores das séries pesquisadas.

A professora número um, que a partir de agora passará a ser chamada de P1, iniciou a sua atividade no magistério há dois anos, graduou-se pela Universidade do Estado de Mato grosso – UNEMAT, fez Pós-graduação pelo Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

A professora número dois, que a partir de agora passará a ser chamada de P2, graduou-se pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e não fez nenhum curso de Especialização, mas dá aula no laboratório de idiomas na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Optamos por fazer a pesquisa na 1ª e 3ª série do ensino médio dos períodos matutino e noturno, na mesma semana por duas razões básicas. A primeira refere-se à orientação que havíamos recebido da direção da escola de não procurar interferir na rotina da escola e evitar deslocamento dos alunos de suas salas de aula no período em que estivéssemos na escola e a segunda visava não deixá-los constrangidos.

2.1.2 – Os instrumentos de coleta de dados;

Para podermos verificar quais as crenças que embasam a abordagem de ensino/aprendizagem do professor de língua inglesa e, tentarmos entender o porque do professor trabalhar da forma que trabalha, optamos pela pesquisa de caráter etnográfico (Erickson, 1986), na qual o pesquisador é um participante que interage continuamente com a situação estudada. Ele ouve analisa, observa e pergunta num contato direto e prolongado com o sujeito pesquisado. Os dados foram então coletados através de questionários.

Primeiramente foi aplicado um questionário para cada professora, com o intuito de observar qual as origens de suas crenças em relação

ao ensino/aprendizagem de língua inglesa. Em seguida também foi elaborado um questionário e solicitado aos alunos que revelassem as suas crenças, em relação ao aprendizado da língua inglesa, para que as perguntas dessa pesquisa pudessem ser respondidas.

CAPITULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

3.1. As crenças de professores e alunos em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa;

Através dos questionários pudemos perceber algumas perspectivas de P1 e P2. A P1 acredita que a melhor maneira de aprender uma língua é trabalhar a fala (conversação), interpretação, mas ao mesmo tempo pudemos perceber que ela ainda continua presa ao tradicionalismo do ensino da língua inglesa.

A P1 afirma que ela privilegia em suas aulas a aplicação de trabalho em grupo, música, teatro, leitura e interpretação, pois o foco do trabalho é com alunos pré-vestibulandos. Percebe que suas experiências como aprendiz interferem em suas atitudes em sala de aula, mas acaba aplicando na prática a sua crença baseada em teoria e na prática de seus professores durante a sua formação.

A P1 também demonstra que tem consciência que se deve despertar no aluno o desejo de aprender a língua inglesa, mas mesmo assim ela trabalha com os alunos do mesmo modo como aprendeu a língua inglesa, o que demonstra um certo comodismo na prática pedagógica, uma vez que a própria P1 esclarece que durante a sua formação quatro (04) profissionais passaram pela sua classe e que cada um tinha um estilo próprio e isso acabou desmotivando e comprometendo o seu aprendizado.

Os alunos de P1 afirmam que gostariam de praticar mais as atividades de conversação (fala) e produção escrita, pois, gostariam de

compreender, escrever e ler em inglês e também afirmam que possuem dificuldades em pronunciar palavras em inglês.

"Eu queria mais aula de conversação".
"Eu queria mais aula em que pudesse ouvir mais falas de outras pessoas (diálogo)".
"Eu queria mais aulas com música e teatro".

O que podemos notar é que os alunos demonstram o que gostariam de aprender, inclusive dão pistas de como poderiam ser trabalhadas as aulas no decorrer da aprendizagem no ensino médio, mas que devido ao pouco tempo que P1 está trabalhando com eles, ainda não encontrou a melhor maneira de levar os alunos a aprenderem a língua inglesa

A P2 acredita que a melhor maneira de aprender uma língua é trabalhar as quatro habilidades (escutar, ler, falar e escrever). E também afirma que utiliza alguns métodos de seus professores, aqueles em que se notou o bom resultado no aprendizado da língua inglesa. Isso também demonstra que P2 utiliza as suas crenças da época em que era aprendiz.

Ela afirma que os seus alunos gostam das aulas em que são trabalhados músicas e jogos, pois os alunos acabam aprendendo brincando, uma vez que ficam mais à vontade perdendo dessa forma o medo de errar. Informa que os seus alunos não gostam de diálogo, porque sentem vergonha de falar, porque pensam que se falarem errado serão ridicularizados, pois serão motivos de piadas.

Os alunos de P2 afirmam que gostariam de praticar em sala de aula as atividades de conversação (fala) e produção escrita, pois, gostariam de compreender, escrever e ler em inglês ao final do ensino médio. E a maioria também afirma que não está gostando da maneira com que as aulas são

ministradas, pois, gostariam que a P2 privilegiasse mais a conversação e ouvir e que também procurasse conhecer melhor os alunos.

O que também pudemos notar é que os alunos de P2 demonstram o que gostariam de aprender, apontando caminhos de como deveriam ser trabalhadas as aulas de inglês no ensino médio.

3.1.1. Respostas às perguntas levantadas

3.1.2. Quais as crenças dos professores em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa em seu ambiente formal (sala de aula)?

As P1 e P2 estão levando para as salas de aulas as suas crenças de aprendizes, ao afirmarem que estão aplicando os métodos vivenciados durante o curso de formação. A P1 esclareceu ainda que durante o seu curso de formação foram ministradas aulas com quatro profissionais diferentes que, além de trabalhar em regime de intensivo, possuíam estilos próprios e que ao utilizarem somente a sala de aula acabaram prejudicando o desenvolvimento de suas habilidades. A P2 afirma que foi privilegiada durante o seu curso de formação, pois obteve orientação de bons profissionais e que isso faz com que ela traga para as suas aulas alguns métodos que os mesmos utilizavam durante a sua aprendizagem.

3.1.3. De que maneira essas crenças acabam influenciando o professor na aplicação de suas aulas?

O que podemos perceber é que as crenças trazidas por P1 e P2 durante a formação, estão prejudicando o desenvolvimento dos alunos, uma vez que não perceberam que os alunos não estão gostando das aulas da maneira como estão sendo ministradas e que os mesmos estão sedentos por mudanças na

maneira das aulas serem aplicadas. As P1 e P2 não levaram em consideração até o momento às mudanças que ocorreram no decorrer do tempo de formação acadêmica das mesmas até os dias atuais. Sem essas preocupações no modo de ensinar, acabam levando os aprendizes a um desinteresse pela língua inglesa.

3.1.4. Quais as crenças dos alunos em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa?

Os alunos afirmam que aprender a língua inglesa é desenvolver a conversação (falar), e que é justamente essa a habilidade que possuem mais dificuldade para desenvolver, seguida pela leitura (ler), e quanto às habilidades que possuem mais facilidade os mesmos citam ouvir e escrever. Ao analisarmos os questionários notamos que os alunos gostariam que fossem trabalhados conteúdos que privilegiassem atividades de conversação para que desenvolvessem mais a fala.

Portanto, podemos dizer que os alunos entendem a língua inglesa como um veículo de comunicação, pois, os mesmos querem aprender a falar inglês.

3.1.5. Existe alguma lacuna entre o que os professores e os alunos pensam?

Pode-se dizer que há uma lacuna entre o que professores e os alunos pensam, visto que P1 acredita que a melhor maneira de ensinar a língua inglesa é privilegiar a habilidade de leitura, interpretação, música, teatro e trabalho em grupo e os alunos afirmam que P1 trabalha mais a produção escrita. A P2 acredita que a melhor maneira é privilegiar as quatro habilidades (escutar, ler, falar e escrever), mas os alunos afirmam que P2 trabalha muito mais a

conversação e a gramática, sendo que a gramática é de forma individual, enquanto que os alunos preferem conversação que privilegiasse as atividades em pares. .

Dessa forma nota-se que a lacuna entre o que os professores e os alunos pensam, cria expectativas desfavoráveis no processo de ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfocando os pontos pedagógicos do ensino/aprendizagem da língua inglesa, obtivemos, através da investigação realizada o conhecimento a respeito das crenças dos alunos e dos professores. Notamos que a realidade e as perspectivas estão presentes no cotidiano dos professores de língua inglesa, assim, como nos alunos. Os professores iniciam o ano a partir de uma realidade, criando em si e nos demais alunos as perspectivas da aprendizagem.

A pesquisa nos permitiu observar a ocorrência de conflitos e contradições com relação às concepções/crenças que os alunos e professores têm. De um lado a respeito do que gostariam de aprender e, de outro, de quais seriam as melhores formas de se ensinar à língua inglesa.

Pudemos constatar que a maneira pela qual as professoras afirmam ter aprendido a língua estrangeira influencia as atitudes que elas adotam em sala de aula e que as ações praticadas no dia a dia nem sempre condizem com os aspectos que as professoras afirmam acreditar.

Uma revisão no processo de formação de docentes deve ser realizada de modo que os mesmos compreendam seu papel preponderante na construção de conhecimentos. Segundo MOITA LOPES (1996:48): "é indispensável ao (a) professor (a) familiarizar-se com as práticas de fazer pesquisas, de modo que ele (a) possa avaliar o alcance de seu próprio trabalho".

Tendo em vista que as próprias crenças são baseadas em experiências pessoais, é necessário que o professor esteja consciente da necessidade da constante atualização para que se possa atingir níveis elevados de

competência e que seja possível então transformar as próprias crenças em conhecimentos.

Desta forma julgamos necessária a adoção de atitudes em que se torne possível uma participação ativa entre alunos e professores no processo de aquisição e construção de conhecimentos.

Segundo Edge e Lansley que definem como as habilidades dos professores colaboradores e cooperadores de: "ouvir, refletir, enfocar, desafiar, comparar, estabelecer metas, trilhar possibilidades de planejar o que propõem" uma atmosfera de total empatia entre os envolvidos.

A oportunidade de promover situações dentro da aula de língua inglesa onde seja possível o desenvolvimento da atitude reflexiva por parte do professor e do aluno pode ser realizada coletivamente (Edge, 1992:29) através do desenvolvimento colaborativo (Lansley, 1994:47), definindo os papéis de seus participantes e, além disso, direcionando para a abordagem mais precisa e eficaz onde seja possível aos alunos compreender a língua alvo.

Underhill (1992:67) considera que o desenvolvimento do professor e aluno se dá a partir de um contínuo desdobramento de suas consciências e de seus desempenhos somados ao desejo emergente de mudanças para atingir o potencial das partes envolvidas neste processo. A concepção de consciência poder ser entendida como uma maior integração com o meio em que professores e alunos estejam envolvidos (atuando) ou o conhecimento em que cada um tem de si mesmo.

Cabe então aos professores que trabalham com a disciplina de língua inglesa e que possuem a vontade de mudar suas atitudes, tentar diminuir as lacunas existentes na qualidade da educação oferecida,

definindo o melhor método para cada grupo dentro das especificidades de cada contexto.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua formação pedagógica?
( ) Graduado
( ) Graduado com Especialização
( ) Mestrado
( ) Doutorado
Em que área? _____

2. Ano da Graduação _____, Local da Graduação/Especialização/Mestrado/Doutorado.
_____
_____
_____

3. Há quanto tempo ensina a língua inglesa? Qual o motivo o(a) levou a atuar nessa disciplina?_____
_____
_____

5. Quais são as suas perspectivas com respeito ao desenvolvimento do aluno nas habilidades lingüísticas, considerando os aspectos de conteúdo previsto no planejamento escolar? _____
_____
_____
_____

6. Como foi a sua aprendizagem da língua inglesa, com relação ao tipo de aulas que foram ministradas durante a sua formação?_____
_____
_____
_____

7. Quais habilidades você mais privilegia em suas aulas?
( ) Conversação (Fala)
( ) Gramática
( ) Escrita (Produção de Texto)
( ) Trabalhos em Grupo
( ) Trabalhos Individuais
( ) Música
( ) Teatro

8. De que forma são realizados os trabalhos com os alunos, em grupos ou individuais?
_____

9. A sua experiência durante a formação interfere na sua prática pedagógica hoje? Explicite. _____
_____
_____

10. Quais as atividades que os alunos mais gostam? Justifique.

_____
_____
_____
_____

11. Quais as atividades que os alunos menos gostam em suas aulas? Por quê?

_____
_____
_____

12. Usando de sua experiência, de que forma é a melhor maneira para que o aluno aprenda a compreender a língua inglesa? _____

_____
_____
_____
_____

QUESTIONÁRIO

1. Para você aprender inglês é:
( ) **Escrever**
( ) **Estudar gramática**
( ) **Conversação (Falar)**
( ) **Ler**

2. Qual a sua expectativa em relação ao aprendizado da língua inglesa?
( ) **Falar e Escrever**
( ) **Compreender a gramática**
( ) **Compreender, Ler e Escrever**
( ) **Compreender, Falar e Ler**

3. Na sua opinião, o que você mais gostaria de desenvolver em sala de aula?
( ) **Conversação (Falar)**
( ) **Escrever**
( ) **Ler**
( ) **Ouvir**

4. Dentre as habilidades acima quais você tem mais facilidade?
( ) **Conversação (Falar)**
( ) **Escrever**
( ) **Ler**
( ) **Ouvir**

5. A sua maior dificuldade na língua inglesa consiste em:
( ) **Conversação (Falar)**
( ) **Escrever**
( ) **Ler**
( ) **Ouvir**
Por quê? _____
_____

6. Você gosta das aulas de Inglês do jeito que são ministradas pelo(a) professor(a)?
( ) **Sim.** ( ) **Não**
Justifique: _____
_____

7. Você gosta de trabalhar em grupo ou individual? Por quê?
_____
_____

8. Como tem sido ministradas as aulas?
( ) **Mais Conversação (Fala)**
( ) **Mais Gramática**
( ) **Mais Escrita (Produção de Texto)**
( ) **Trabalhos em Grupos**
( ) **Trabalhos Individuais**

9. De sugestões sobre como as aulas deveriam ser ministrada pelo(a) professor(a)?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**.Campinas: Pontes, 1993.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **O Professor de Língua Estrangeira em Formação**. Campinas: Pontes, 1999.

CAVALCANTI, M. C. & MOITA LOPES, Luiz Paulo (1991). **Implementação da Pesquisa em Sala de Aula de Línguas no Contexto Brasileiro**. In: Trabalhos em Lingüística Aplicada.(17). 133-144.Campinas.

CLARK, C.M.(1988). **Asking the right question about teacher preparation: contributions of research on teacher thinking**. Education Researcher, vol.2, 5-12.

DEWEY, J. **Lógica-A Teoria da Investigação**. Dewey. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

EDGE, J. **Co-operative Development**. ELT Journal. Vol 46, 1992.

ERICKSON, F. **Qualitative Methods in Research on Teaching in M.C.witrock(eds). Handbook of Research in Teaching. 119-161**. New York: Macmmillan, 1986.

FÉLIX, Ademilde. **Crenças do Professor sobre o Melhor Aprender de Uma Língua Estrangeira na Escola**. Tese de Mestrado.Campinas: Unicamp, 1998.

FILGUEIRAS DOS REIS, M.R. **Uma Análise da Disciplina Prática de Ensino de Inglês nas Instituições de Ensino Superior do Paraná**. Tese de Mestrado.São Paulo: PUC, 1991.

FREITAS, M. A. **Uma Análise de Primeiras Análises de Abordagem de Ensino do Professor de Língua Estrangeira**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1996.

FREITAS, Maria Adelaide et aliii.(2002).**"Professores de Língua Inglesa em Formação: Mudando Crenças e Atitudes".In; Trabalhos em Lingüística Aplicada.**

(39). 47-67. Campinas.

HORWITZ, E.(1985). **Using students' beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course**. Foreign Language Annals, vol 18, 333-340.

KUMARAVADIVELU, B.L: **Language Learning Tasks: teacher intention and learner interpretation**. ELT Journal v45, n.2, 98-107, 1991.

LANSLEY,C. **Collaborative Development: an alternative to phatic discourse and the art of co-operative development**. ELT Journal vol.48, 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo.(1996). **Tendências da pesquisa na sala de aula de línguas no Brasil.In: Oficina de Lingüística Aplicada. Campinas**: Mercado das Letras.

NESPOR, J. (1987). **The role of beliefs in the practise of teaching**. Journal of Curriculum Studies, vol.19, 317-328.

ORTENZI, Denise Ismênia B. Grassano. **A Prática da Reflexão num Curso de Formação de Professores de Língua Estrangeira**. Tese de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997.

POUZA, Sulivan S. **Por um contexto cooperativo para a aprendizagem de inglês como língua estrangeira**. Tese de Mestrado. Brasília: UNB, 2001.

RICHARDS, Jack& LOCKHART, Charles. **Reflective teaching in Second Language Classrooms**. Cambridge University Press,1994.

TABACHNICK, B.R.& ZEICHER, K.M.(1984). **The Impact of the student teaching experience on the development of teacher perpectives**. Journal of Teacher Education, vol.35, 28-36.

TARCETTI, Maria Madalena de Souza. **Ensino, Aprendizagem e Crenças: Uma pesquisa sobre Crenças e Concepções de Professores e Alunos sobre Ensinar e Aprender uma Língua Estrangeira**. Monografia de Pós-Graduação Latu Sensu.

Cuiabá: Univag, 2002.

UNDERHILL, A. **The Role of Groups in Developing Teacher Self-awareness**. ELT Journal. Vol 46, 1992.

OBRAS CONSULTADAS

COX, Maria Inês Pagliarini & ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. **Cenas de Sala de Aula**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Ensino Médio**/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

OBRAS CONSULTADAS

COX, Maria Inês Pagliarini & ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. Cenas de Sala de Aula. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ensino Médio/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.